

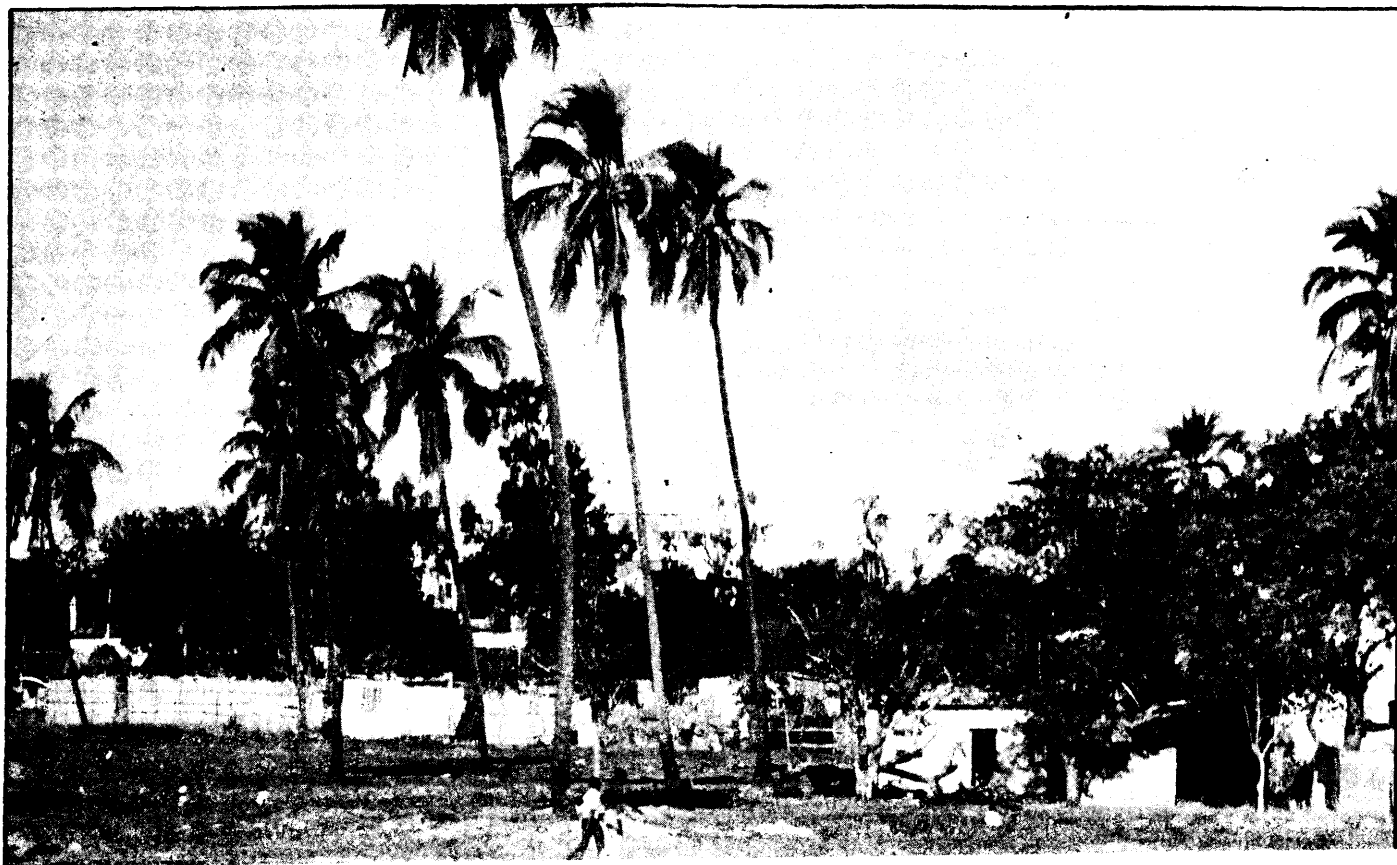
Dos Meninos da Malanga

● Trajectória Política de um Escritor

Editado pelos «Cadernos Tempo», «Dos Meninos da Malanga» é um testemunho de uma época que importa não esquecer. Nele, tudo é denso, político, sentido, mastigado até ao âmago pelo autor.

Tentamos aqui uma abordagem crítica como forma de contribuir para uma melhor compreensão da obra.

Calane da Silva é um dos jovens poetas moçambicanos que, por falta de designação antológica consolidada, chamarei de «Poetas Clandestinos». São aqueles que, tendo escrito nos tempos coloniais, só viriam a público definir-se como poetas após a Independência Nacional. As razões do seu silêncio prolongado estão, invariavelmente, na impossibilidade de dar à estampa nos jornais e revistas coloniais versos que, no caso do autor «Dos Meninos da Malanga» nos falam da «revolta frustrada» de quem bebia todos os dias o «cálice de mau



cheiro» e se encontrava encostado à parede por «cristãos não racistas/que me oferecem um deus da sua raça».

Este sarcasmo e violência, são o produto lógico desse silêncio forçado. Em Calane da Silva encontramos por isso, a par e passo, uma ironia mordaz, magoada, que sabe a bofetada:

«Para onde vais sorrindo mulato feio?...»
Ou então:

**Moleque está feliz ou não?
Tem água e tem comida
tem calça e tem guarida
e tem voz violenta do patrão.
Porque chora ele então?**

Não se conhece, na nossa poesia, autor que tenha conseguido uma síntese tão marcante do estilo de dois dos mais consagrados poetas moçambicanos, nomeadamente Noémia de Sousa e José Craveirinha. Calane da Silva bebeu do leite poético de Noémia que nos agita freneticamente a face acre-doce do mundo suburbano de Lourenço Marques, mundo de prostitutas, meninos esfarrapados. «magaízas endinheirados». Mundo de uma infância solta e livre à sua maneira, infância que, tal como Noémia de Sousa, Calane da Silva invoca com nostalgia. De José Craveirinha, ganha a virilidade e mesmo a virulência da revolta.

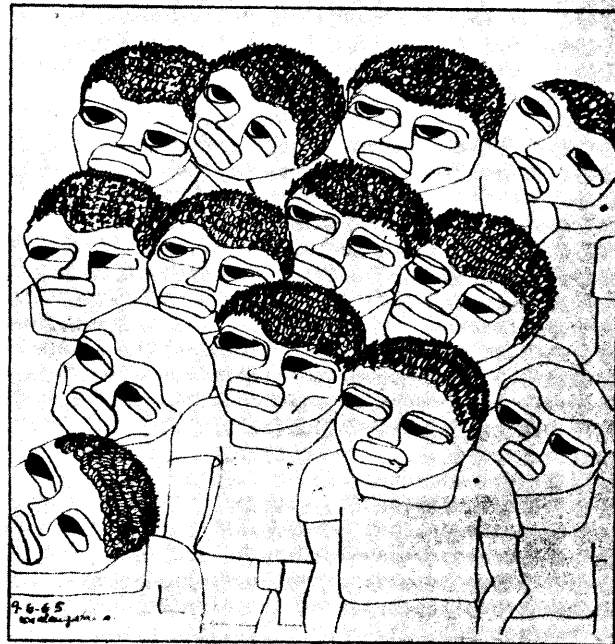
Filho de Pai Branco e de Mãe Negra, o autor «Dos Meninos da Malanga» sofre o inevitável drama da procura de identidade que acaba encontrando na africanidade assumida religiosamente. É a sua fase de negritude, (ver caixa) estágio inevitável, pelo menos aqui em Moçambique de todos os intelectuais nacionalistas Negros, Mulatos ou Brancos inseridos na sociedade colonial. É eloquente o «Poema da Frustração» (1964) onde Calane da Silva nos fala do

**Cristo de ébano que me pertence
/...
e pergunto à imagem crucificada
[se valeu a pena
um parto africano no ventre
[dos continentes.
E mais:
não te peço bênção pelos meus cabelos
[encarapinhados
e por te imaginar de cor negra no meu
[quarto
pequena grande catedral
onde me amortelho de passividade.**

Mas rápido, este jovem que cresceu no turbilhão colonial e lhe conheceu os cálices amargos dos quais a vida dos subúrbios é um dos mais azedos, vence a crise da identificação. Fica sereno no seu encontro consigo. Talvez

Dos meninos da Malanga

(POESIA)



CALANE DA SILVA

tragicamente sereno. O «Poema a Meu Pai». (1969) já denota que o redemoinho emocional que era o ser do autor já está calmo porque, como ele próprio o diz no poema «Dois Temas»: «Identificada/a minha negritude/caminho, serenamente/para o esplendor da minha humanidade. Vejamos porém, o «Poema a Meu Pai». Nessa obra encontramos-lo a monologar diante da campá do pai «velho exilado»:

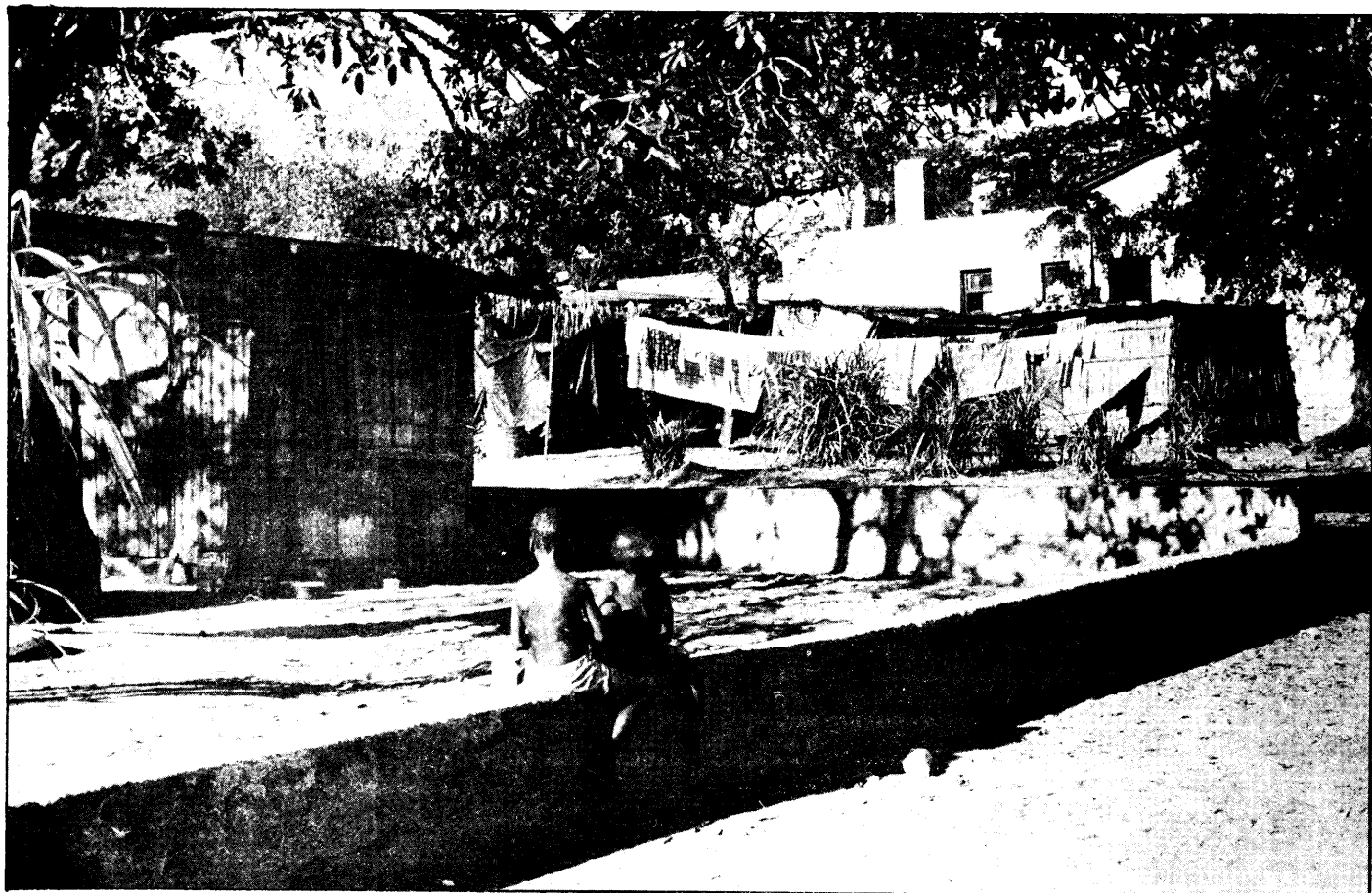
**entrelaço minhas mãos, calosas de ne-
[gro**

**e nos meus lábios grossos
fermenta um sorriso
algo indefinido.
Eu sei.**

**Há na minha boca
o sabor acre do peixe seco
deglutido com farinha de mandioca.**

**Ruídos civilizados brotam do asfalto
e cantam-me canções que desconheço
e no quadrado do meu quintal de ca-
[niço**

**imagino Armstrong
dando um pequeno passo
e um gigantesco salto
sobre a miséria.**



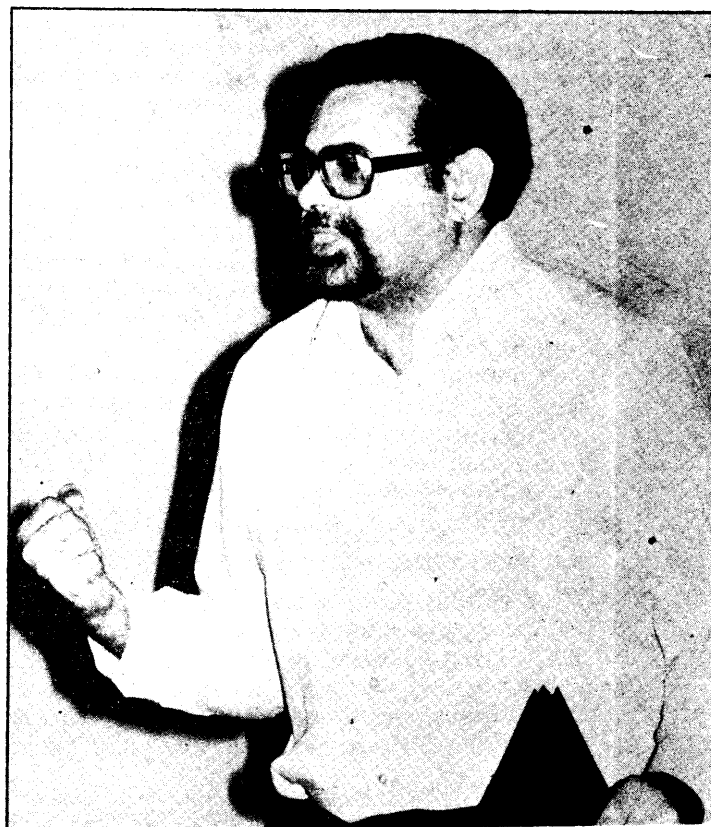
Aspecto parcial do Bairro da Malanga, actualmente

Depois de nos dizer que **«o tempo agora deteve-me/e encontro-me firme/frente à camp rasa do velho exilado»** remata com estes misteriosos versos, imprevisos, grito de amor de quem já não vê apenas o Outro no Pai:

— Sabes Pai?
Amo-te agora mais do que outrora!

São dois combatentes que se encontram. Já não apenas Pai e Filho. O Pai, Branco, morto no exílio. O Filho, Negro, inchado de revolta. É o prelúdio da fase politicamente mais madura de Calane da Silva. Este poema, no livro, marca não apenas uma mudança de capítulo mas também uma mudança de tom e de temática. Porquê? Estamos em 1969, altura acesa da luta de libertação nacional que o autor, na clandestinidade, acompanha. Nasce nele uma consciência crítica aguda de tudo que o rodeia. Há uma viragem forte na qualidade e conteúdo da sua arte. São as contradições sociais da cidade que passam a ferir o poeta. E ele regista-as com uma mágoa tensa, uma revolta dolorosa a meio passo da ruptura total. São desse âmbito os poemas «Sexo Pago», «A Morte de Ximatana». A trajectória política do poeta já está claramente definida em «Pontuário Noturno» onde já é manifesta uma subtil reivindicação da Independência:

Calane da Silva, declamando uma das suas poesias



Aqui
confessadamente prisioneiros
explodimos no álcool
poemas clandestinos
certos
do Dia que há-de vir!

UM DEDO EM RISTE

Mas é no poema que dá título ao livro («Dos Meninos da Malanga») e no poema «Cidade» que mais facilmente encontramos o universo cultural, político e poético de Calane da Silva. São as «crianças sempre esfarrapadas», as «mulheres grávidas todos os anos» os «xi-balos carregadores» os «magaízas endinheirados» os mabandido, a polícia que «metralha corpos» e efectua prisões. Este cenário é enriquecido com personagens reais: o Jacinto, a Fernanda («menina mulata/... sem me reconhecer/quis vender-me amor num quarto qualquer da cidade») o Madala, o Kadir («todos companheiros de infância/que o regime implacável dividiu») e o Zeca («que apanhava da mãe para não aprender/a falar landim»).

Estes versos, fortes, coloridos, quase pintura da vida, em certos passos nos fazem interrogar se estamos a ler poesia ou romance, se estamos a ler Calane da Silva ou Jorge Amado. O poema «Cidade», mostra-nos uma visão desmistificadora de Lourenço Marques. Vemos os garis, as capulanas e ouvimos o «vozear maravilhoso das línguas-mães». Mas vemos também as «avenidas largas e faustosas/que desembocam nas ruelas tortuosas/muralhadas por quintais de zinco e caniço». Passamos pelos «charcos palúdicos» que são «imaginadas rutilantes fontes/por estes miúdos de calças rotas/enlameados/que vendem vasilhame de refrigerantes/ao preço de cinco cigarros/na cantina do branco.

O que caracteriza a poesia de Calane da Silva é, a revolta que nos leva a mastigar em cada verso. Quer essa revolta se manifeste sob a forma de negritude, quer ela se manifeste sob forma de um dedo acusador ligado a um artista politicamente lúcido que curte um ódio implacável pelo regime colonial.

Poesia como arma? Sem dúvida. E talvez, por isso, Calane da Silva tenha sido um poeta de circunstância tal como ele sugere na entrevista que concedeu à nossa Revista (Tempo n.º 617):

— ... Sempre digo e insisto que não sou um poeta mas sim um prosador.

Só que para ser apenas um poeta de circunstância ele foi longe demais. «Dos Meninos da Malanga» cobre os passos mais importantes de vinte anos da vida do autor. Tempo muito longo para agora morrer o sangue da poesia que irriga Calane da Silva. Ele, efectivamente,

A questão da negritude já fez gastar rios de tinta em todo o mundo, principalmente em África. É justo que assim tenha sido porque na tomada de consciência política do homem africano a negritude foi uma filosofia, uma tomada de posição histórica. E histórica porque trajecto inevitável de redimensionamento da personalidade africana. Ela assumiu várias facetas e muitas vezes foi tornada mero estereótipo reaccionário. Mais vezes ainda foi tornada verdade última e absoluta transformando-se, assim, uma filosofia de libertação numa filosofia racista.

Neste texto quando falamos de negritude falamos daquilo que ela representou como movimento histórico positivo porque ponto de partida para tomada de consciência consequente e humanamente positiva. Uma reflexão marxista honesta não leva à conclusão simplista do banimento da negritude enquanto corrente de pensamento, prelúdio do nacionalismo africano.

A. M.

não é um poeta que esculpa as palavras com o cinzel das rectificações estilísticas. É um espontaneísta no melhor sentido do termo. Aliás, como bem o diz na já referida entrevista:

— Em cada roda de amigos solicito um mote. A partir dessa palavra faço um poema relativo à situação. Este meu estilo faz com que muitos poemas estejam espalhados por muitos amigos e alguns gravados. Posso dizer que estão do Rovuma ao Maputo.

Continuando a citação, oiçamo-lo:

— Há pessoas que inventam os temas da poesia mas eu busco na realidade de Mukhokweni onde nasci. Devia ter reformulado os meus poemas em termos de figuras de estilo, mas deixei-os tal e qual como os fiz na altura. No entanto não nego que devia ter mudado mas quis respeitar a própria palavra História.

Afinal, uma forma de honestidade.

Calane da Silva está, neste momento, a escrever um romance. Aguardemos a sua publicação para vermos qual será a faceta mais marcante deste jovem escritor. Se o Poeta, se o Romancista ou, porque não, se as duas facetas se complementam.

ALBINO MAGAIA